

## TU, VOCÊ, CÊ E OCÊ NA VARIEDADE BRASILIENSE

Maria Marta Pereira Scherre (UnB/UFES/CNPq) \*

Edilene Patrícia Dias (UnB)

Carolina Queiroz Andrade (UnB)

Nívia Naves Garcia Lucca (UnB)

Adriana Lília Vidigal Soares de Andrade (UnB)

### Resumo

Este texto apresenta resultados de pesquisas sociolinguísticas sobre pronomes de segunda pessoa, com amostras de fala da variedade linguística brasiliense, evidenciando que esta variedade em formação incorporou o pronome *tu* ao seu elenco de formas pronominais. Além disso, situa brevemente o *tu* brasiliense nos subsistemas dos pronomes *VOCÊ* (*você, cê, ocê*) e *TU* da comunidade de fala brasileira, nos termos de Scherre, Lucca, Dias, Andrade & Martins (2009).

**Palavras-chave:** pronomes de segunda pessoa; variação linguística; condicionamentos sociais.

### Abstract

This article (1) presents results of sociolinguistic researches on second person pronouns made with speech samples of the linguistic variety spoken in Brasília. These researches show that this variety, which is still in development, has incorporated the pronoun *tu* in its pronoun paradigm; and (2) briefly situates the speech from Brasília in the subsystems of the pronouns *VOCÊ* (*você, cê and ocê*) and *TU* in the Brazilian speech community.

**Key-words:** address pronouns; linguistic variation; social constraints

---

\* Pesquisadora IB do CNPq, de quem recebe bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ).

## **Introdução: contextualização e panorama das pesquisas sobre o *tu* brasiliense**

Brasília é, em 2011, uma jovem senhora de pouco mais de 50 anos. Foi batizada em 21 de abril de 1960 pelo então presidente Juscelino Kubitschek. À época, vieram para o Planalto Central, onde Brasília foi erguida, brasileiros e brasileiras de todas as regiões do país. Retrata o Censo Demográfico de 1960 do Distrito Federal (IBGE, 1960) que as pessoas que construíram e povoaram Brasília – pioneiros e pioneiras, candangos e candangas ou migrantes – eram predominantemente da região Nordeste – 41,45% –, mas as demais regiões, em diferentes proporções, foram também representadas: Sudeste, com 30,72% (17,47% de Minas Gerais e 5,22% do antigo Estado da Guanabara); Centro-Oeste, com 22,75%; Sul, com 1,98%; e Norte, com 0,92%. Do exterior e sem especificação de origem, documentou-se um percentual de 2,18%. A composição demográfica de Brasília é um dos pontos importantes para entendermos a variação entre os pronomes *tu*, *you*, *cê* e *ocê* na fala brasiliense, foco central deste texto, em especial a presença do pronome *tu*.

O Distrito Federal, na região Centro-Oeste, compreende, em 2010, 30 regiões administrativas – RAs. A primeira delas – RA I –, na origem Plano Piloto, é hoje denominada Brasília (<http://www.gdf.df.gov.br/045/04501018.asp>). Em verdade, Brasília recobre uma área de limites não muito nítidos: ora é entendida como o Plano Piloto restrito e original – o traçado em formato de avião de Lúcio Costa; ora como o Plano Piloto ampliado (Asa Sul, Asa Norte, Sudoeste, Octogonal, Vila Planalto e, até mesmo, Lago Sul – RA VI e Lago Norte – RA VIII) (Lucca, 2005; Dias, 2007; Andrade, 2010); ora como o próprio Distrito Federal, a grande Brasília, com 2.562.963 habitantes, segundo os primeiros resultados divulgados pelo Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010).

As pesquisas sobre os pronomes de segunda pessoa que constituem a base da linha mestra deste texto foram feitas com amostras de fala das pessoas que nasceram na grande Brasília, os brasilienses e as brasilienses, filhos e filhas de pais candangos e de mães candangas e/ou de pais e de mães brasilienses, colhidas de formas distintas e em diversas localidades, a saber: (1) em Sobradinho – RA V; (2) em Taguatinga – RA III, Ceilândia – RA IX e Plano Piloto restrito e original; (3) no Plano Piloto ampliado, sem a Vila Planalto; (4) no Plano Piloto ampliado, com foco na Vila Planalto. São autoras destas pesquisas quatro mestras pela Universidade de Brasília (UnB), respectivamente, Andrade (2004); Lucca (2005); Dias (2007); e Andrade (2010), sob a orientação da professora Maria Marta Pereira Scherre. Estas

cinco cabeças se organizaram para produzir este texto, um breve documentário da identificação de traços de focalização dialetal da variedade brasiliense com relação aos pronomes de segunda pessoa, nos termos especificados em Bortoni-Ricardo et alii (2010), abdicando, todavia, de discussões teóricas e metodológicas importantes, pela natural escassez de espaço.

De forma geral, as pesquisas foram desenvolvidas à luz da Teoria da Variação Linguística como delineada por Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1975]), que assumem como premissas básicas a heterogeneidade linguística ordenada e a necessidade do linguístico e do não linguístico para o entendimento pleno da variação e da mudança linguística. Assim, as pesquisas levam em conta, de forma própria a cada uma delas, a influência de diversas variáveis: tipo de relação entre os interlocutores e as interlocutoras; sexo e faixa etária dos falantes e das falantes e/ou dos interlocutores e das interlocutoras; local de moradia dos falantes e das falantes; profissão dos falantes e das falantes; origem geográfica dos pais e das mães dos falantes e das falantes; tipo de assunto; tipo de discurso, se relatado ou se próprio; tipo de referência, se genérica ou se específica; e função sintática, entre outros aspectos, que podem ser vistos em detalhes nas quatro dissertações que originaram este texto. Para o tratamento estatístico dos dados, foram usados programas computacionais, que fornecem percentuais de uso dos pronomes em função das variáveis estabelecidas, bem como pesos relativos dos fatores das variáveis e sua significância estatística nas análises com duas variantes, valendo-se de testes estatísticos apropriados com um nível de significância de 0,05 (Sankoff, 1988; Sankoff et alii, 2005). Na pesquisa de Andrade (2010), foram também gerados pesos relativos para análises de três variantes (Pintzuk, 1988). Os resultados são explorados em detalhes nos trabalhos que geraram este texto.

Nas amostras brasilienses colhidas em 2004-2005 (Lucca, 2005); 2006-2007 (Dias, 2007); e 2008-2009 (Andrade, 2010), observou-se que os pronomes *tu*, *você*, *cê* se alternam em enunciados de pequena extensão, embora já se saiba ser comum a ocorrência de blocos de um mesmo pronome, analisados pela variável paralelismo linguístico em diversas pesquisas. Exemplos desta alternância podem ser vistos a seguir.

- [1] “Ingrid, *cê* num vai vim mais pra aqui pra fora não?” (...) (...) (...)  
Eu “minha filha, eu tava dando banho na, na Isabele, num vem reclamar de nada não, *você* num é minha mãe nem nada, *você* não é minha mãe nem nada e tal”. Aí, aí ela bem assim “ah, mas

pra que demora isso tanto?” Eu falei “minha filha, quem demorou fui eu, oxi. **Tu** num tá tomando conta de mim, eu vim sozinha... (...)”. (falante brasiliense feminina, de 14 anos, em 2008 (Andrade, 2010: 12))

[2] Caraca! **Tu** é muito chata, brother! Pára de jogar bem, velho! **Cê** rouba, né velho? Isso que é o seu problema, **você** rouba. (falante brasiliense masculino, de 27 anos, em 2006, exemplo do corpus de Dias (2007))

[3] E **tu** passando numa lombada! Lombada grande, véi! Não! E **cê** quase me levou junto, véi! (falante brasiliense feminina, de 17 anos, em 2006, exemplo do corpus de Dias (2007))

[4] Rapaz 1- Vão lá no rap então, fazer excursão com as mina...

Rapaz 2- Ou! Ela é feia ou bonitinha?

Rapaz 1- Bonita! **Tu** acha que eu mexo com menina feia?

Rapaz 2- Vixi! **Você**, mané? O mais sujo de todos aqui, véi! Só pega bagaceira, véi.

Rapaz 1- Tá doido? Vê se meu nome é J.! [Risos]

Rapaz 3- Pegou a S., véi! Queria namorar com ela...

Rapaz 2- E **tu** também pegou ela, seu vacilão!

Rapaz 3- Ih, mas eu não nego.

Rapaz 1- É, eu peguei?

Rapaz 3- É... mas **tu** namorou! [Risos] Namorou, véi!

Rapaz 1- Ih, os dois já pegou e morreu.

Rapaz 2- Ô, D., **você** também já quis pegar, já, tá querendo botar banca de bom com isso daí. (Conversa entre três rapazes/Brasília (RAI), em 2004-2005, faixa etária de 15-19 anos, Lucca (2005:105))

Embora os exemplos de [1] a [4] evidenciem a presença do pronome *tu* na fala de brasilienses da década de 2000, a pesquisa sociolinguística em Brasília mostra que não foi sempre assim. Em Andrade (2004: 43), temos a primeira pesquisa sobre o tema com parte do *Corpus* Malvar (Malvar, 1992), com destaque para amostras coletadas em 1991 em

Sobradinho – RA V, com falantes de 10 a 14 anos, de ambos os sexos, em entrevistas sociolinguísticas do tipo laboviano, entre entrevistador ou entrevistadora e entrevistado ou entrevistada, com a preocupação de captar a fala cotidiana (Labov, 2008 [1975]: 101-138), que até pode ser responsável pela não emergência do pronome *tu* à época, embora não haja como saber. O fato é que o pronome *tu* não foi encontrado nesta amostra (Andrade, 2004:43; 55; 71; 73). Ignorados os casos de contexto invariante e de zero pronominal, Andrade (2004: 55; 71) registrou na área urbana de Sobradinho 63% de *você* (57/90); 31% de *cê* (28/90) e 6% de *ocê* (5/90); na área rural, 44% de *você* (14/32); 50% de *cê* (16/32) e 6% de *ocê* (2/32), visualizados na Tabela 1 abaixo. Nestes dados, a diferença entre a área urbana e rural de Sobradinho – de 19 pontos percentuais - é entre *você* e *cê*. As taxas de *ocê* da área urbana e da área rural são idênticas (6%), fato bem diferente do que ocorre em Minas Gerais (Coelho, 1999: 56; Gonçalves, 2008: 192).

Área	TU	VOCÊ	CÊ	OCÊ	TOTAL
Área urbana	0%	63%	31%	6%	90
Área rural	0%	44%	50%	6%	32

**Tabela 1.** Distribuição dos pronomes entre os falantes de 10 a 14 anos de Sobradinho em 1991 (Andrade, 2004)

No início da década de 2000, todavia, já era fácil perceber o pronome *tu* na fala brasiliense, especialmente na de jovens do sexo masculino em conversas espontâneas entre si. Foi exatamente isto que a pesquisa de Lucca (2005: 63-117) evidenciou. Com a análise de amostras de fala espontâneas entre jovens de 15-19 anos, predominantemente do sexo masculino, coletadas em Brasília (RA I – Plano Piloto original e restrito), Taguatinga (RA III) e Ceilândia (RA IX), em 2004 e 2005, Lucca (2005) revela situação bem distinta: 72% de uso global do pronome *tu* (326/452), sempre sem concordância verbal expressa; 17% do pronome *você* (75/452) e 11% do pronome *cê* (51/452), com maior concentração do pronome *tu* em Ceilândia (87%), em que há também maior concentração de migrantes da região Nordeste, que pode ser vista na Tabela 5 mais adiante. Como o foco de Lucca (2005) era o pronome *tu*, os casos de *você* e *cê* foram agrupados na dissertação de mestrado. Para o presente texto, fizemos a devida separação, que se apresenta a seguir, sem constatação do pronome *ocê*.

Região	TU	VOCÊ	CÊ	TOTAL
Ceilândia	87%	8%	5%	121
Taguatinga	66%	25%	9%	244
Brasília	68%	5%	28%	87
Total	72%	17%	11%	452

**Tabela 2.** Distribuição dos pronomes entre os falantes de 15 a 19 anos na Grande Brasília em 2005 (Lucca, 2005)

Em Dias (2007), foram observados fatos novos, fundamentais para o entendimento dos caminhos da focalização dialetal. Com uma amostra equilibrada de falantes do sexo masculino e feminino do Plano Piloto ampliado (Brasília – RA I; Lago Sul – RA VI; e Lago Norte – RA VIII) e de três faixas etárias (13 a 19; 20 a 29; 30 a 49), verificou-se que, mesmo em amostras de falas semi-espontâneas diversificadas, coletadas em 2006 e 2007, o pronome *tu* revelava aumento regular em três gerações brasilienses, representadas por três faixas etárias, ocupando progressivamente mais os espaços do pronome *você*, como pode ser visto na Tabela 3 a seguir.

Faixa Etária	TU	VOCÊ	CÊ	TOTAL
13-19 anos	30%	15%	55%	171
20-29 anos	13%	22%	65%	424
30-48 anos	4%	36%	60%	305

**Tabela 3.** Distribuição dos pronomes por faixa etária no Plano Piloto ampliado, sem Vila Planalto, em 2007 (Dias, 2007)

Em Andrade (2010), com amostras de fala igualmente semi-espontâneas, coletadas também no Plano Piloto ampliado (Brasília – RA I: Asa Norte e Sudoeste; e Lago Sul – RA VI), em 2008 e 2009, da faixa etária de 7-15 anos – a quarta geração brasiliense, de ambos os sexos, com foco central na Vila Planalto, onde o pronome *tu* se destaca, foram observados fatos instigantes para o entendimento do sincretismo linguístico que envolve a focalização dialetal da variedade brasiliense, em especial, com relação ao *tu* brasiliense, como mostra a Tabela 4. Voltaremos a estes fatos à frente.

Região	TU	VOCÊ	CÊ	TOTAL
Vila Planalto	48%	26%	26%	574
Fora da Vila Planalto	6%	65%	30%	261

**Tabela 4.** Distribuição dos pronomes entre falantes de 7-15 anos no Plano Piloto, com Vila Planalto, em 2008-2009 (Andrade, 2010)

Deste breve panorama das quatro pesquisas envolvidas nos pronomes de segunda pessoa na fala brasiliense, podemos identificar: (1) um jogo temporal, em um intervalo aproximado de uma geração (18 anos), de 1991 a 2009, registrando-se o processo de focalização do pronome *tu*, ocupando espaços do pronome *você*: embora não haja pesquisas com amostras de Sobradinho na década de 2000, há depoimentos de que o pronome *tu* é usado lá nos dias atuais; (2) um jogo etário e geracional, com o pronome *tu* predominando nos dados dos falantes e das falantes mais jovens; (3) um jogo geográfico, com o pronome *tu* predominando em áreas com maior concentração de migrantes da região Nordeste; (4) um jogo de gênero e de interação, com o *tu* predominando nas falas masculinas e em práticas discursivas entre pares solidários, na mesma linha do que se observa no Rio de Janeiro (Paredes Silva, 2003; Lopes et alii, 2009), mas diferente do que ocorre no Rio Grande do Sul, onde o *tu* sem concordância – forma espontânea e natural – é mais favorecido pelas mulheres (Loregian-Penkal, 2004: 135-137).

Para uma melhor compreensão desta complexa rede de fatores sociais e interacionais que atuam no uso dos pronomes de segunda pessoa, veremos mais alguns detalhes das três pesquisas de mestrado que captaram o *tu* brasiliense, em que explicitamos também o papel do tipo de assunto e da profissão do falante e da falante; da origem dos migrantes e das migrantes e, conseqüentemente, da origem dos pais e mães dos falantes e das falantes. Ao final, vamos situar brevemente o *tu* brasiliense no cenário nacional.

## 1. A pesquisa de Lucca (2005)

Os dados de Lucca (2005) foram coletados com falantes do grupo social que julgamos ser o primeiro que se apropriou do uso do *tu* no Distrito Federal: adolescentes entre 15 e 19 anos, predominantemente do sexo masculino. Foram contactados estudantes da rede pública de ensino das três regiões administrativas mais populosas do Distrito Federal: Ceilândia (RA IX), Taguatinga (RA III) e Brasília (RA I). Os adolescentes fizeram gravações ocultas de situações conversacionais entre si e seus amigos e suas amigas, de onde emergiram dados de interações entre rapazes, entre rapazes e garotas e entre rapazes e adultos, estas inferidas por falas reproduzidas ou reportadas. A maior parte das falas são características de relações entre pares solidários, nas quais o uso do *tu* é vigoroso.

Como já explicitado, os resultados de Lucca (2005) revelam alto índice de *tu* na amostra analisada – 72% – e indicam que a variação *tu/você+cê* na fala dos jovens e das jovens brasilienses é influenciada (1) pelo gênero do falante e da falante, (2) pelo tipo de relação entre os pares, (3) pelo tópico discursivo e (4) pela região administrativa de onde o falante ou a falante provém. Fatores linguísticos como (1) paralelismo e (2) tipo de estrutura quanto à entonação também condicionam a seleção dos pronomes. São estas as seis variáveis estatisticamente significativas, na análise binária (ou de duas variantes) do *tu versus você+cê*. Os resultados das variáveis não linguísticas de Lucca (2005: 83; 89; 97; 98) revelam que, relativamente, o pronome *tu* (1) é mais favorecido pelas falas reais masculinas da faixa etária entre 15 e 19 anos (e fortemente desfavorecido pelas falas reais femininas da mesma faixa etária); (2) é mais favorecido pelas interações entre os pares (e desfavorecido pelas interações entre os não pares); (3) é mais favorecido pela maior familiaridade com o tema (e desfavorecido pela menor familiaridade com o tema); (3) é mais favorecido em Ceilândia (e menos favorecido em Taguatinga e em Brasília ou Plano Piloto restrito).

Em síntese, segundo Lucca (2005), diferentemente das primeiras impressões dos próprios brasilienses e das próprias brasilienses, o *tu* é amplamente utilizado entre jovens brasilienses do sexo masculino, em relações marcadas pela solidariedade entre os pares, em temas de maior familiaridade, com maior incidência em Ceilândia, em que predomina maior contingente de migrantes da região Nordeste (Tabela 5), para a qual há relatos de uso de *tu* com e sem concordância, sintetizados por Scherre et alii (2009).

Região	Plano Piloto 2004	Taguatinga 2004	Ceilândia 2004	Sobradinho 2004	Vila Planalto 2009
Centro-Oeste	47,6%	58,4%	57,2%	57,8%	60,9%
Sudeste	25,5%	16,5%	8,8%	15,7%	10,9%
Nordeste	17,8%	21,2%	<b>32,1%</b>	21,9%	24,9%
Sul	5,3%	1,4%	0,3%	1,6%	1,8%
Norte	2,7%	2,2%	1,5%	2,8%	1,3%
Exterior	1,1%	0,4%	0,1%	0,2%	0,1%
<b>Total</b>	100%	100%	100%	100%	100%

**Tabela 5.** Naturalidade da população do Plano Piloto, Taguatinga, Ceilândia, Sobradinho e Vila Planalto - Dados da SEPLAN: pesquisa abrangente em 2004 e da CODEPLAN: levantamento domiciliar socioeconômico da Vila Planalto em 2009

## 2. A pesquisa de Dias (2007)

Depois que Lucca (2005) demonstrou a predominância do uso do *tu* por rapazes de 15 a 19 anos na grande Brasília, Dias (2007) buscou captar o comportamento mais amplo das mulheres e de pessoas de outras faixas etárias, porque a observação participante sugeria que cada um desses grupos revelava estratégias diferentes no uso do *tu*. A pesquisa foi feita com 18 pessoas divididas em três faixas etárias: 13-19 anos; 20-29 anos; e mais de 30 anos. Em cada faixa havia três homens e três mulheres. Procurou-se manter a amostra homogênea, em termos de classe social e lugar de moradia – Plano Piloto ampliado (Brasília – RA I; Lago Sul; e Lago Norte) – com o objetivo de assegurar que a descrição do uso do *tu* seria dada pelas diferenças de idade, do gênero do informante e da informante e por sua conformidade aos padrões sociais estabelecidos para o grupo, inferidos pela profissão das pessoas entrevistadas, se servidor público ou servidora pública (mais conservador ou mais conservadora) e se não servidor público ou não servidora pública (menos conservador ou menos conservadora). Assim, um dos fatores controlados foi a profissão das pessoas entrevistadas nas duas faixas etárias mais velhas. Como a força de trabalho em Brasília é formada principalmente por servidores públicos e servidoras públicas, é comum os jovens e as jovens saírem da faculdade e já comecem a estudar para um concurso público. Uma das premissas da pesquisa era que o uso do *tu* era também uma estratégia de diferenciação do grupo de falantes com estilo de vida alternativo no que diz respeito às escolhas profissionais dos falantes conservadores e das falantes mais conservadoras.

A coleta dos dados procurou captar falas espontâneas, já que a variante *tu* tende a não ser utilizada em entrevistas formais. A maioria dos colaboradores e das colaboradoras da pesquisa fez as suas próprias gravações de conversas com familiares, amigos e amigas, e colegas de trabalho. Algumas gravações foram feitas pela pesquisadora, que atuou apenas como observadora, em situações informais. A tentativa foi a de montar uma amostra com dados de fala cotidiana em vários ambientes e com diversidade de interlocutores e de interlocutoras. As amostras acabaram ficando bastante heterogêneas, dado que algumas pessoas fizeram várias gravações de longa duração, o que possibilitou uma análise mais detalhada de suas falas, enquanto outras entregaram à pesquisadora apenas alguns poucos minutos de conversa gravada.

Totalizando-se 900 dados de referência à segunda pessoa submetidos a análise, chega-se na pesquisa de Dias (2009) a um percentual global de

12,8% de uso de *tu* na região do Plano Piloto de Brasília (115/900). Essa média é bem maior entre os falantes de 15 a 19 anos do sexo masculino, 41,5%, confirmando a pesquisa de Lucca (2005). A frequência menor do pronome *tu* na pesquisa de Dias (2007), de 41,5%, em relação à de Lucca (2005: 83), de 77%, é atribuída principalmente ao fato de que, enquanto Lucca (2005) estudou a fala de rapazes conversando em grupos formados predominantemente pelo sexo masculino em relações de pares solidários, Dias (2007) somente conseguiu captar falas de rapazes conversando em grupos que contavam com pessoas do sexo feminino, o que naturalmente enfraqueceu a questão da solidariedade entre os pares. Além disso, não é somente o gênero que influencia o uso do *tu* na região do Distrito Federal. A faixa etária e o estilo de vida dos falantes e das falantes também são fatores importantes no entendimento do uso da variante focalizada.

Na pesquisa de Dias (2007), os fatores condicionantes do uso do *tu* foram principalmente os sociais: gênero, faixa etária e estilo de vida do falante e da falante; tipo de relacionamento com o interlocutor ou com a interlocutora e faixa etária do interlocutor e da interlocutora. Apenas uma das variáveis linguísticas foi selecionada, o tipo de fala, que englobava a conversa casual, as brincadeiras/ironias/deboches, conversas profissionais e as repreensões (o papel do paralelismo linguístico não foi mensurado).

A pesquisa de Dias (2007) aponta que o pronome *tu* tende a ser mais favorecido em (1) conversas irônicas ou em brincadeiras; (2) pelas faixas etárias de 13 a 29 anos; (3) por pessoas de estilo de vida alternativo (não funcionários públicos ou não funcionárias públicas); (4) pelas falas do gênero masculino; (4) em interações com amigo íntimo ou com amiga íntima ou com pelo menos a presença de um amigo íntimo ou de uma amiga íntima; (5) em interações com pessoas da mesma idade ou com pelo menos a presença de uma pessoa da mesma idade. Dias (2007) observou com clareza que o *tu* é muito usado em Brasília quando o falante ou a falante desejam brincar com seu interlocutor ou sua interlocutora, ironizá-lo ou ironizá-la e por vezes diminuí-lo ou diminuí-la, principalmente se forem mulheres de mais de 30. O mais interessante, inicialmente, foi a diferença no uso do *tu* pelos diversos grupos etários em função do tipo de fala. O Gráfico 1 apresenta o cruzamento entre os fatores tipo de fala e a faixa etária dos falantes e das falantes. O *tu* é usado em 81,8% das vezes por falantes com mais de 30 anos com o objetivo de brincar com o interlocutor ou com interlocutora e em 18,2% com outros tipos de fala. Já na faixa etária de 20 a 29 anos, a situação muda: em apenas 39,6% dos casos o *tu* é usado com essa intenção; nos outros 60,4%, o *tu* é usado em outros tipos de fala. A situação praticamente se inverte ao se com-

parar os falantes de mais de 30 anos aos de 13 a 19 anos. Neste último caso, os falantes usam o *tu* para brincar com seu interlocutor ou sua interlocutora em apenas 19,6% dos casos e o usam, complementarmente, em 80,4% dos casos para conversar sobre outros assuntos com seus interlocutores ou suas interlocutoras. Pode-se concluir, portanto, que o *tu* passa de uma variante altamente especializada para uma variante de uso mais geral, indicando um caso de mudança em curso na variedade brasileira.

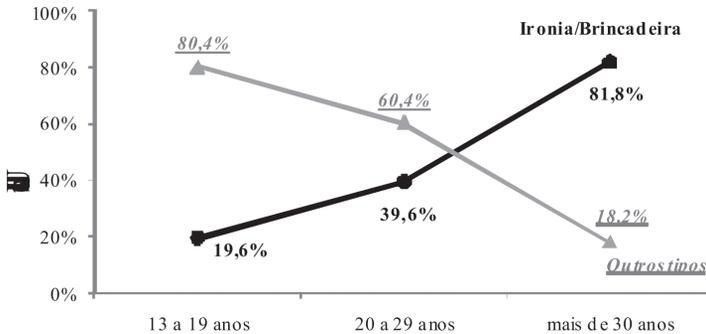


Gráfico 1. Uso de *tu* por tipos de fala e faixa etária (Dias, 2007: 74)

Com relação ao gênero do falante ou da falante, embora os homens favoreçam o *tu* de forma estatisticamente significativa (Dias, 2008: 75), ao se comparar a frequência bruta de uso dessa variável pelas mulheres nas três faixas etárias estudadas, é possível observar um avanço no uso de *tu* pelas mulheres. Pelos percentuais apresentados na Tabela 6, não houve registro de *tu* nas falas femininas de mais de 30 anos, mas há 9,7% na faixa de 20 a 29 anos e, entre as falantes de 13 a 19 anos, o *tu* é usado em 22,6% das vezes.

Faixa etária Sexo	13-19 anos	20-29 anos	Mais de 30 anos	TOTAL
Masculino	41,5%	17,4%	5,1%	14,9%
Feminino	22,6%	9,7%	0,0%	10,8%

Tabela 6. Frequência de *tu* por sexo e faixa etária do falante (Dias, 2007: 76)

Realmente, não houve registro de *tu* nas gravações das mulheres com mais de 30 anos. No entanto, a pesquisadora presenciou o uso desta variante por esse grupo de falantes em diversas ocasiões, especialmente em falas relacionadas próprias em que a falante desejava demonstrar que ela havia

se expressado de modo a desmerecer seu interlocutor ou sua interlocutora na ocasião em que se deu a fala real, configurando, portanto, um uso de *tu* extremamente especializado pelas mulheres de mais de 30 anos em Brasília. Quando se cruzam os fatores tipo de fala, faixa etária e gênero do falante e da falante, percebe-se, pelo Gráfico 2, que as mulheres de 13 a 19 anos se aproximam mais dos homens (17% e 22%; 83% e 78%) do que as de 20 a 29 anos (27% e 52%; e 73% e 48%).

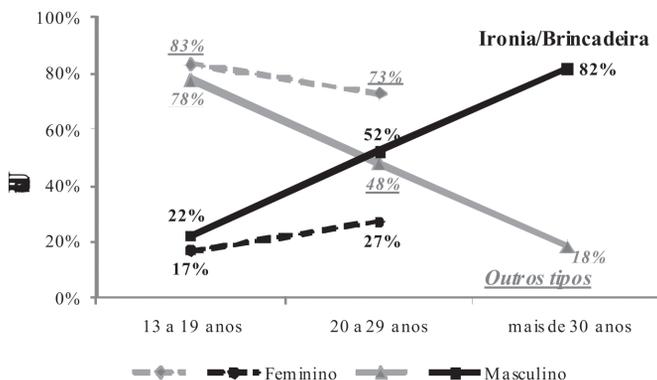


Gráfico 2. Uso de *tu* por tipos de fala; faixa etária e gênero (Dias, 2007)

Nas mulheres de 13 a 19 anos, outros tipos de fala respondem por 83% do uso de *tu* (início da linha pontilhada mais clara) contra apenas 17% de ironias e brincadeiras (início da linha pontilhada mais escura). Nas mulheres de 20 a 29 anos, as ironias e as brincadeiras representam 27% dos usos de *tu* (fim da linha pontilhada mais escura) contra 73% de uso mais geral (fim da linha pontilhada mais clara). Como também pode ser observado no Gráfico 2, as mulheres (linhas pontilhadas) seguem o mesmo movimento de generalização do uso do *tu* – de especializado em ironias/brincadeiras para outros tipos de assunto – que os homens (linhas contínuas).

### 3. A pesquisa de Andrade (2010)

Andrade (2010), como já relatado, focalizou uma área peculiar do Plano Piloto, a Vila Planalto, onde realizou grande parte de sua coleta de dados, cerca de 70%. Os demais 30% são provenientes de fora da Vila Planalto, a saber, Asa Norte, Sudoeste e Lago Sul. A amostra de fora da Vila Planalto

não foi equilibrada, nem no sentido de distribuição dos informantes ou das informantes nem quanto à faixa etária e sexo, mas os olhares nesta amostra também foram mantidos, por ela ser importante para comparação com os demais *corpora* e projeção de pesquisas futuras.

A Vila Planalto, localizada no meio do Plano Piloto, vizinha do Palácio do Planalto, o centro de decisões governamentais, surgiu em 1958 da necessidade de assentar operários que vieram construir Brasília. Assim, esses trabalhadores pioneiros foram orientados a morar nessa localidade, pois essa área ficava bem próxima às áreas de construção da nova capital. Originalmente, a Vila Planalto não foi uma área destinada à moradia dos pioneiros, que viveriam ali apenas durante a construção e, quando finalizassem as obras, seriam removidos para outras localidades da Grande Brasília, como ocorreu com os operários deslocados em 1971 para a região administrativa hoje conhecida como Ceilândia – em função da *Campanha de Erradicação de Invasões – CEI* (Lucca, 2005: 47-49). A área da Vila Planalto serviria para, futuramente, abrigar clubes ou embaixadas. Porém, por meio de negociações políticas, estes pioneiros conseguiram se estabelecer no local, uma área nobre de Brasília. Portanto, à semelhança da Grande Brasília, há um sincretismo na Vila Planalto relacionado à origem da população (já que os pioneiros vieram de todas as regiões do país); às formas linguísticas e culturais diversificadas; e à diversidade da situação sócio-econômica dos moradores e das moradoras dessa área. Nesse contexto, Andrade (2010) estudou os pronomes de segunda pessoa do singular, na fala de falantes de 7-15 anos, de ambos os sexos. Encontrou fatos linguísticos interessantes em função das origens dos pais e mães dos falantes e das falantes, pois percebeu que o uso dos pronomes pelas crianças estudadas parecia corresponder, relativamente, ao uso dos pronomes nas localidades de origens de seus pais e de suas mães. Filhos de pais mineiros e mães mineiras, por exemplo, apresentavam maior tendência de uso da forma *cê*, enquanto filhos de pais nordestinos e mães nordestinas, maior tendência de uso da forma *tu*.

A análise de Andrade (2010) foi tanto binária (com duas variantes em oposições diversas, cujos pesos relativos não são relatados neste texto) quanto ternária, com três variantes – *tu*, *você* e *cê* –, com pesos relativos associados a cada uma das variantes (Pintzuk, 1988). No caso de três variantes, os pesos relativos devem ser lidos da seguinte forma: o valor médio de referência é 0,30; assim, relativamente, pesos relativos acima de 0,30 favorecem as variantes a que estiverem associados; e pesos relativos abaixo de 0,30 desfavorecem-nas (Scherre & Naro, 2003: 174-175).

Os resultados de Andrade (2010: 85-87) apontam que o pronome *tu* tende a ser favorecido na fala dos falantes e das falantes da Vila Planalto se mães e pais são dos mesmos estados da região Nordeste (0,57), se são de Brasília e do Nordeste (0,60), se são só de Brasília (0,45); e, fortemente desfavorecido, se os falantes e as falantes residem fora da Vila Planalto e são filhos e filhas de mães e pais não provenientes da região Nordeste (0,09). A influência de migrantes da região Nordeste sobre o *tu* brasiliense revela-se forte na pesquisa de Andrade (2010). Revela-se também na pesquisa o relativo descolamento da origem direta da região Nordeste, tendo em vista o comportamento relativamente favorecedor de *tu* dos filhos e das filhas de mães e pais brasilienses na Vila Planalto (0,45).

O pronome *você*, por sua vez, é favorecido se os pais e mães residem fora da Vila Planalto (0,50), os quais, na pesquisa de Andrade, como já dito, não são provenientes da região Nordeste. O pronome *cê*, por seu lado, é bastante favorecido se a mãe e o pai são de Minas Gerais (0,70), onde se sabe ser vigoroso o uso de *cê* (Martins, 1997; Santos, 1999; Gonçalves, 2008), apesar de haver um só falante com estas características na pesquisa de Andrade (2010); é relativamente favorecido se mães e pais são do Nordeste, mas de estados diferentes (0,44), possivelmente um mecanismo de esquiva, que também ocorre na fala brasiliense (Andrade, 2010: 11-13; 120); e claramente desfavorecido se a quase totalidade das mães for brasiliense (0,15).

A análise de Andrade (2010) sobre o papel da origem direta dos pais e das mães no entendimento do *tu* brasiliense requer continuidade, refinamento e aprofundamento futuro, mas não há dúvida que seus resultados lançam mais luzes sobre o fenômeno estudado, especialmente se conjugados aos obtidos por Lucca (2005), que verificou maior efeito sobre o uso do *tu* em Ceilândia, onde há maior número de migrantes da região Nordeste; e se explicitado que, segundo Andrade (2010: 80-81; 90), dos 17 dados do pronome *tu* em todos os contextos na amostra fora do Plano Piloto, 13 são de um falante cujo restante da família mora também em Ceilândia.

Outras variáveis externas da pesquisa de Andrade (2010: 78-82; 94-95) – gênero do falante e da falante, relacionamento com o interlocutor ou com a interlocutora e faixa etária do falante e da falante – foram também fundamentais para o entendimento do *tu* brasiliense, que se expande a passos largos para a fala feminina de todas as faixas etárias, aos ouvidos de pesquisadoras curiosas, mesmo os não variacionistas como os da professora Heloísa Salles (em comunicação pessoal) e os da orientadora das pesquisas, em conversas com sua filha, com 30 anos em 2010, que, nos idos de 2004,

não exibia o *tu* em sua fala, mas apenas seu filho na faixa etária de 15-19 anos à época, cujas conversas com os amigos e com a mãe pesquisadora foram o mote inicial para a pesquisa de Lucca (2005).

Consistentemente, a pesquisa de Andrade (2010: 94-95) evidencia que, nos dados da Vila Planalto, o gênero masculino favorece a variante *tu* (0,41) e o gênero feminino a desfavorece (0,25); inversamente, a variante *você* é favorecida pelo gênero feminino (0,44) e desfavorecida pelo gênero masculino (0,24). Todavia, com relação à variante *cê*, a diferença entre os gêneros é neutralizada, com pesos relativos semelhantes (0,34 e 0,30), exatamente com relação à variante considerada de esquiva por Andrade (2010). Na análise binária de *cê versus você*, da pesquisa de Andrade (2004: 73), sem a presença do pronome *tu* na amostra, as mulheres também favoreciam o pronome *você*.

Em Andrade (2010), o relacionamento com o interlocutor ou com interlocutora revela ainda que a simetria na relação favorece o *tu* (0,47) e a assimetria o desfavorece (0,22). O efeito do tipo de relacionamento aponta alinhamento entre *você* e *cê*, na direção inversa: relacionamento assimétrico favorece as variantes *você* e *cê* (0,38 e 0,40); relacionamento simétrico desfavorece-as (0,27 e 0,26), o que enfatiza o papel de esquiva do pronome *cê*. Pesquisas futuras poderão demonstrar se resultados semelhantes se aplicam a amostras mais amplas e melhor controladas, em faixas etárias mais jovens de outras áreas do Plano Piloto, diferentes da Vila Planalto.

A subdivisão das faixas etárias de 7 a 11 anos e 12 a 15 anos na amostra de Andrade (2010: 77-88) não apresentou efeito distinto: os pesos relativos associados às variantes *tu*, *você* e *cê* gravitam próximos a 0,30. Segundo Andrade (2010), isto indica a expansão da variante *tu* para as faixas etárias mais novas, em períodos mais críticos de aquisição da linguagem. O *tu* brasiliense, que também pode ter tido influência do *tu* da cena carioca (Andrade, 2010: 113) na faixa adolescente, vai perdendo assim seu provável caráter de gíria (Lucca, 2005: 116-117).

### **Considerações finais: o *tu* brasiliense e os pronomes de segunda pessoa no cenário nacional**

O foco central deste texto é o uso do *tu* na fala brasiliense. Todavia, é interessante ressaltar que cinco formas pronominais de segunda pessoa – *tu*, *você*, *ocê*, *cê* e *senhor* – são de amplo uso no português brasileiro, em função de vários fatores. Com base em extensa literatura brasileira pertinente ao tema (impossível, infelizmente, de ser criteriosamente discutida e referenciada nos

limites destas páginas), Scherre et alii (2009) ponderam que, no português brasileiro, é possível identificar pelo menos seis subsistemas pronominais, em função do uso variável de *VOCÊ* (*você~cê~ocê*) / *TU* e da concordância variável com o pronome *tu*. O *tu* brasileiro integra o subsistema *V/T* (*VOCÊ/TU*), em que, a depender de diversos fatores, o pronome *VOCÊ* pode variar de 30% a 95% ou, inversamente, o pronome *TU*, sempre sem concordância, pode variar de 5% a 70%. Até prova em contrário, este é o sistema que, agora, com Brasília, perpassa pelas cinco regiões brasileiras, embora muitas vezes social e interacionalmente marcado, nos termos de Givón (1995). Assim, a fala brasileira sintetiza grande parte do Brasil: adota variavelmente um *tu* supra-regional sem concordância, que se espraia para domínios sociais e discursivos mais amplos, como traço local; retém os pronomes *você* e *cê*, em taxas variadas; mas não fixa o pronome *ocê*, também marcado, do Brasil central de Goiás e de Minas Gerais, com mais vigor em áreas rurais. O *tu* brasileiro – sem concordância – se revela como um traço de focalização dialetal, de identidade da fala brasileira em formação, pronome marcado aos ouvidos de muitos brasileiros e de muitas brasileiras, parcialmente diferente do que prevê Bortoni-Ricardo (2010: 9). O *tu* brasileiro, sem concordância, ilustra que, mesmo um traço social, discursivo e geograficamente marcado pode integrar a focalização dialetal: pesquisas futuras continuarão a contar a história e a trazer as evidências necessárias, incluindo as da provável influência do *tu* da cena carioca na fala do adolescente e da adolescente brasileiros.

## Referências bibliográficas

- Andrade, Adriana Lília Soares de. 2004. *A variação você, ce, ocê no português brasileiro falado*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.
- Andrade, Carolina Queiroz. 2010. *“Tu e mais quantos?” - A segunda pessoa na fala brasileira*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.
- Bortoni-Ricardo, Stella Maria; Vellasco, Ana Maria de Moraes Sarmento & Freitas, Vera Aparecida de Lucas (orgs.). 2010. *O Falar Candango – Análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais*. Brasília: Editora da UnB.

Coelho, Maria do Socorro Vieira. 1999. *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no Norte de Minas*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais.

CODEPLAN, 2009. *Levantamento Domiciliar Socioeconômico da Vila Planalto*. Brasília: Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central – CODEPLAN.

Dias, Edilene Patrícia. 2007. *O uso do tu no português brasileiro falado*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

Givón, Talmy. 1995. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Gonçalves, Clézio Roberto. 2008. *Uma abordagem sociolinguística dos usos das formas você, ocê e cê no português*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.

IBGE. 1960. *Censo demográfico de 1960*. XVII Recenseamento Geral do Brasil. Distrito Federal. Brasília: IBGE. Série regional. Volume I – Tomo XIX.

Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1960/CD\\_1960\\_DF.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1960/CD_1960_DF.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2010.

IBGE. 2010. *Primeiros resultados do Censo 2010*. Disponíveis em: <[http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros\\_dados\\_divulgados/index.php?uf=53](http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros_dados_divulgados/index.php?uf=53)>. Acesso em: 10 dez. 2010.

Labov, William. *Padrões sociolinguísticos*. 2008[1975]. São Paulo: Parábola.

Lopes, Célia Regina dos Santos; Marcotulio, Leonardo Lennertz; Silva, Aline dos Santos & Santos, Viviane Maia dos. 2009. Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca. *Neue Romania*, v. 39, p.49-66.

Loregian-Penkall, Loremi. 2004. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná.

Lucca, Nívia Naves Garcia. 2005. *A variação tu/você na fala brasileira*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

Malvar, Elizabete da Silva. 1992. *A realização do objeto direto de terceira pessoa em cadeia anafórica no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

Naro, Anthony J. 2003. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: Mollica, Maria Cecília & Braga, Maria Luiza (orgs.). *Introdução*

à *sociolingüística* – o tratamento da variação. São Paulo: Contexto. p.15-25.

Paredes Silva, Vera Lúcia. 2003. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: Roncarati, Cláudia; Abraçado, Jussara. *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7Letras, p.160-169.

Pintzuk, Susan. 1988. *VARBRUL programs*. Inédito.

Ramos, Jânia. 1997. O uso das formas *você, ocê e cê* no dialeto mineiro. In: Hora, Dermeval da. (org.) *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, p.43-60.

Sankoff, David. 1988. Variable rules. In: Ammon, U.; Dittmar, N. & Mattheier, K. J. (eds.) *Sociolinguistics - An international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York, Walter de Gruyter. p. 984-998.

Sankoff, David; Tagliamonte, Sali A. & Smith, E. 2005. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref)

SEPLAN. 2004. *Pesquisa Distrital por amostra de domicílios – PDAD 2004*. Secretaria de Estado de Planejamento, Coordenação e Parcerias do Distrito Federal. Brasília: Subsecretaria de Estatística e Informações.

Scherre, Maria Marta Pereira; Lucca, Nívia Naves Garcia; Dias, Edilene Patrícia; Andrade, Carolina Queiroz & Martins, Germano Ferreira. 2009. *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro. II SIMELP - Universidade de Évora*. Inédito.

Scherre, Maria Marta Pereira & Naro, Anthony J. 2003. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: Mollica, Maria Cecília & Braga, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolingüística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. p.145-177.

Weinreich, Uriel; Labov, William & Herzog, Marvin I. 2006[1968] *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola.

Recebido em 8/3/2011

Aceito em 8/6/2011